

F
EDITORA
FAITH

Cânticos ou

Mantras?

*O que estamos cantando
em nossos cultos?*

João A. de Souza Filho

Autor: João A. de Souza Filho

Título: Cânticos ou Mantras?

Capa: Adilson Proc

Diagramação: Editora Faith

Editora Faith - www.editorafaith.com.br

Todos os direitos reservados

Copyright ©2004 ISBN: 85-98131-03-2

Os textos bíblicos usados são da Nova Versão Internacional da Sociedade Bíblica Internacional e da Edição Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil.

Todos os direitos em língua portuguesa pertencem à Editora Faith Ltda.

Recomendamos que não se façam cópias deste livro sem a autorização por escrito da Editora. Trechos podem ser copiados para menção em livros e notas em jornais e revistas, desde que citadas as fontes.

Palavra ao leitor:

Cheguei escrever este livro aprofundando-me um pouco mais no tema – porque gosto de livros com mais de cem páginas – mas, depois de pronto decidi que deveria transformá-lo numa edição simples, pequena, prática, abordando um pouco do que acontece no mundo espiritual.

É um livro intimista, isto é, escrevi como se estivesse num bate-papo com meus amigos, imaginando que ouvia perguntas, considerações e opiniões. Por isso algumas das frases são curtas, diretas, sem muitas explicações – conversando com o leitor de maneira despreziosa. Daí que o leitor divagará juntamente comigo – pulando de um tema a outro.

Eu não trago todas as respostas. Escrevi para que o leitor pense um pouco, pois a reflexão serve para levantar questionamentos. O problema é que não somos treinados para refletir. Acostumamos a receber tudo pronto, como um pão, saído do forno. Aqui você tem que refletir e preparar seu próprio alimento!

Então, reflita comigo: o que estamos cantando em nossos cultos? Cânticos espirituais ou mantras? Será que espíritos enganadores podem entrar em nossa hinologia e na vida ministerial?

Reflita, pois. E tire suas conclusões sem perder o encanto e sem deixar de cantar no espírito!

SUMÁRIO

1. Entre o Falso e o Verdadeiro.....	05
2. Em Espírito e em Verdade.....	17
3. Cânticos ou Mantra?.....	31

Capítulo 1

Entre o Falso e o Verdadeiro

Para que você entenda a diferença entre um cântico espiritual e um mantra é necessário conhecer as imitações da verdade que ocorrem no mundo espiritual.

Hoje, em questões de tecnologia é difícil saber se um produto que compramos é falso ou verdadeiro! Um relógio Rolex de três mil dólares pode ser adquirido por 100 reais. É igual ao verdadeiro, mas é falso! Uma caneta Mont Blanc de oitocentos reais pode ser adquirida por 50! Parece verdadeira, mas é falsa! O grande desafio dos fabricantes é provar que o produto vendido na melhor perfumaria é verdadeiro; pois a loja, apesar da grife famosa, pode ser enganada. Vende o produto achando que é verdadeiro, mas é falsificado! Vendedor e cliente são enganados igualmente! As falsificações não têm limites! Tudo que está à venda no mercado tem um similar falsificado! E com que perfeição!

E não é diferente em questões espirituais! O falso sempre imita o verdadeiro, mas é falso! Agora, em questões espirituais, o falso nem sempre pode ser comparado a um produto qualquer, pois o produto falsificado já nasce falso! Mas no mundo espiritual não! A falsidade, por ser um espírito de engano, “entra” operando uma “mutação” no que era

verdadeiro! Nas questões espirituais é difícil perceber a falsidade, pois o “falso” nunca se apresenta como falso, mas como verdadeiro. Um profeta, pregador ou mestre que sejam falsos, não são detectados pelo ensino ou pela influência, porque jamais se apresentam como tal, - e às vezes nem se dão conta de que estão operando na falsidade – mas como verdadeiros! Para entender como isso funciona precisamos examinar as escrituras sagradas, olhando atentamente o que escreveram homens de Deus sobre este tema nos últimos tempos.

É Jesus quem dá a primeira dica no Novo Testamento.

Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?’ Então eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal! (Mt 7.21-23).

“Não é coincidência que o alerta de Jesus sobre os falsos profetas venha precedido do alerta sobre o caminho largo e o estreito. Obviamente, porque muitos que pensam que o caminho em que estão seja o caminho da vida, mas estão sendo enganados pelos falsos profetas ou por aqueles que estão sob o

ministério dos falsos profetas!”, escreveu Don Bashan em *True & False Prophets*.¹ Este autor, juntamente com Derek Prince trabalharam juntos durante muitos anos e conheceram intimamente alguns dos famosos pregadores, e contam como os espíritos de engano entraram no ministério de alguns deles. Recomendo a leitura do livro de Derek Prince, *Proteção Contra o Engano*.²

O que Jesus queria dizer no texto que acabamos de ler, e que deve nos deixar preocupados?

Primeiro, que os falsos profetas eram bem pentecostais! Nada contra os pentecostais, pois também sou pentecostal, ou contra os carismáticos, porque também sou carismático, ou contra os renovados, porque também sou renovado; mas porque Jesus denuncia que esses profetizavam em seu nome! E pergunto: quem de nós quando profetiza, ou proclama uma verdade não o faz em nome de Jesus? O que nos deixa todos sob suspeita!

Segundo, porque eles expulsavam os demônios em nome de Jesus. Você já expulsou demônios? Eu já perdi a conta! Sua igreja tem reuniões de libertação? Parece-nos que esses irmãos mencionados por Jesus tinham cultos de libertação em suas igrejas, mas não é isso que Jesus está condenando. O que deve nos trazer temor é que esses irmãos tinham autoridade sobre os demônios! Mas Jesus não está afirmando que esses são falsos porque expulsavam demônios, pois ele mesmo os expulsou e ensinou

seus discípulos a fazerem mesmo.

Terceiro, eram pregadores que realizavam milagres! Não apenas milagres de cura! Mas milagres no sentido amplo do dom, isto é, que podem curar, mexer com o tempo, com a natureza, fazer crescer órgãos no corpo – entenda, milagre no sentido amplo do dom como Paulo fala em 1 Coríntios 12. Não apenas pregadores, mas produtores de milagres! Paulo afirma que existe o dom de “operações de milagres”, isto é, operações de poder, porque a palavra é *dunamus* – a mesma palavra que aparece em Atos 1.8.

O que Jesus está dizendo é que o fato de termos capacitação espiritual para profetizar, expulsar demônios e realizar milagres, não nos isenta de sermos falsos profetas. O que eles fazem é verdadeiro! Então o que os desqualifica e os coloca entre os falsos?

A resposta é tão simples que passa despercebida da maioria dos leitores: “Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade”, ou como diz a NVI “... vocês que praticam o mal”. Então o falso – neste caso o falso pregador – não deve ser julgado por seu ministério, se os milagres são divinos ou não, mas pela vida que tem! Jesus está apontando para a qualidade de vida, e não para as demonstrações de poder! Portanto, o que faz que um pregador sincero se torne falso, não é a mensagem, mas seu estilo de vida! Julgue o leitor à luz da Bíblia, mas se uma pessoa

vive um estilo de vida diferente do que Jesus ensinou entrou para a lista dos falsos!

Jesus falou que conheceremos o falso profeta pelo seu fruto! Enganamo-nos quando pensamos que o “fruto” seja a obra que ele faz. O fruto é seu estilo de vida! Ao nos alertar contra os falsos profetas que “vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores”, Jesus está apontando para atentarmos na natureza deles. Por isso, afirma: “Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão!”. É que o falso nunca se apresenta como tal. O que faz é sempre verdadeiro, o que prega é verdadeiro, mas seu estilo de vida é falso!

Aprofundemo-nos um pouco mais, parafraseando o que Jesus quer dizer: “Nunca reconheci a validade de seu ministério. Você foi um canal para *meus* milagres, mas você se tornou rebelde, sem o fruto do Espírito que identifica o meu servo verdadeiro.” Prática da iniquidade na aparência do ministério? Não. Jesus está falando de atitude interior e caráter! É no seu interior que aparece a rebelião que tirará a máscara do falso profeta!

E mais, Jesus dá a entender que nosso estilo de vida anula, diante dele, a recompensa que teríamos para receber na eternidade! Por que digo isto? Porque o profeta em questão realiza milagres, expulsa demônios e profetiza, mas não é recebido no reino!

Uma das maneiras que o verdadeiro se torna falso – parece até uma incoerência o verdadeiro tornar-se

falso, mas no reino espiritual sucede diferentemente da tecnologia – é pela infiltração dos espíritos de engano na vida de uma pessoa, ou da igreja. Exemplo disso é a advertência de Deus no Antigo Testamento.

Se aparecer entre vocês um profeta ou alguém que faz predições por meio de sonhos e lhes anunciar um sinal miraculoso ou um prodígio, e se o sinal ou prodígio de que ele falou acontecer, e ele disser: ‘Vamos seguir outros deuses que vocês não conhecem e vamos adorá-los’, não dêem ouvidos às palavras daquele profeta ou sonhador. O SENHOR, o seu Deus, está pondo vocês à prova para ver se o amam de todo o coração e de toda a alma.

Derek Prince em seu livro *Proteção Contra o Engano* aborda cinco grandes movimentos que começaram bem, mas que depois foram afetados por espíritos enganadores. O movimento Chuva Serôdia, os Filhos Manifestos, Os Meninos de Deus, o movimento iniciado por Willian Branham e o Movimento do Discipulado.

Neste texto bíblico a advertência vem do próprio Deus. Como costumamos nos deter no título que os tradutores dão ao texto, neste caso – **contra os falsos profetas e idólatras** – pensamos que se trata mesmo de um falso profeta, mas não. O texto bíblico não fala em falso profeta, mas em alguém que

anuncia um milagre ou prodígio. Até aí nada demais! Alguém colocou no cabeçalho do texto que se trata de falso profeta, mas não é isto o que lemos. “Se aparecer entre vocês um profeta ou alguém que faz predições por meio de sonhos e lhes anunciar um sinal miraculoso ou um prodígio, e se o sinal ou prodígio de que ele falou acontecer...”. Até aqui nada demais! Ele não é falso. Ele anunciou que um milagre aconteceria, e aconteceu! As pessoas viram a manifestação do poder de Deus e passaram a crer em Deus e em seu profeta. Até aqui ele é verdadeiro!

Mas quando se torna falso? Quando usa dos milagres de Deus para desviar as pessoas do propósito divino! Em outras palavras, utiliza-se dos milagres e do poder de Deus para fins pessoais ou de sua instituição. Como o leque de possibilidades é amplo, deixo que você continue a refletir sobre o tema. Por exemplo, que tal levar pela linha da prosperidade? Um milagre acontece com a pessoa que ouve sua pregação, e você se aproveita do milagre para aceitar uma boa oferta; ou você orou por um enfermo moribundo, ele calcula o quanto gastaria com hospitais e farmácia e resolve lhe ofertar o dinheiro... que comportamento você adotaria? Não é isso que tem feito pregadores e cantores enriquecerem?

Mas um dia a iniquidade aparece. Deus permite que os pecados dessa pessoa venham a público e o desmascara diante de todos! Quantos têm usado dos dons de Deus com proveito próprio? Quantos usam

dos dons para enriquecimento pessoal? E quantos deixam de orientar as pessoas pelo caminho certo?

As pessoas costumam perguntar: mas por que Deus permite isso? Ele mesmo responde: “O SENHOR, o seu Deus, está pondo vocês à prova para ver se o amam de todo o coração e de toda a alma”. Quer dizer, Deus mesmo permite que o falso profeta apareça a fim de traçar uma linha que delimite os que realmente amam a Deus acima de qualquer coisa, e os que amam a Deus buscando seu próprio interesse!

Talvez você engula em seco com o que vou afirmar: Deus permite que espíritos enganadores se apoderem da vida e da mensagem de um servo seu, quando este não vive de maneira santa e que lhe agrade; e também Deus permite que esses espíritos, operando por meio de falsos profetas, terminem por levar à destruição os que já tiveram em alguma oportunidade o conhecimento da verdade, mas a desprezaram!

Vejamos alguns exemplos bíblicos.

Balaão. Ele era profeta; falava com Deus e Deus falava com ele. “Disse-lhes Balaão: “Passem a noite aqui, e eu lhes trarei a resposta que o SENHOR me der”. E os líderes moabitas ficaram com ele. Deus veio a Balaão e lhe perguntou: “Quem são esses homens que estão com você?” (Nm 22.8-9). Houve um diálogo entre Deus e o profeta. Deus deixou clara a intenção com seu povo, e não permitiu que

Balaão amaldiçoasse a herança do Senhor. Mas Balaão cedeu diante da oferta de Balaque. Afinal, os príncipes retornaram com mais dinheiro. O prêmio era irrecusável e Balaão caiu no laço em que costumam cair os servos de Deus: a ganância financeira!

Na segunda vez, Balaão falou novamente com Deus, e este lhe respondeu: “Visto que esses homens vieram chamá-lo, vá com eles, mas faça apenas o que eu lhe disser” (Nm 22.20).

O texto bíblico pressupõe que a primeira parte do ministério de Balaão era verdadeira, porque falava com Deus e este falava com ele. Mas quando pôs o olho na riqueza que lhe era oferecida, entrou no território de espíritos de engano, neste caso, do deus da riqueza! E foi então que o próprio Deus induziu Balaão ao erro, porque, ao cobiçar as riquezas de Balaque, caiu na cova de sua ambição! Tanto Pedro quanto Judas, apóstolos do Senhor atestam a mesma coisa: “Eles abandonaram o caminho reto e se desviaram, seguindo o caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o salário da injustiça” (2 Pe 2.15). “Buscando o lucro caíram no erro de Balaão” (Jd 11).

Que estratégia usou Balaão? Jesus afirma que Balaão ensinou a Balaque a armar ciladas contra o povo de Israel (Ap 2.14). Como não podia amaldiçoar a Israel, deu ao rei a estratégia que levaria o povo a ser amaldiçoado por Deus. Ele sabia que Deus não tolera o pecado, e induziu o povo a pecar. Balaão

conhecia o mundo espiritual, e Balaque sabia que este profeta tinha a capacidade de abençoar ou de amaldiçoar – quer dizer, Balaão transitava pelo mundo espiritual tendo contato com Deus e demônios! Nada diferente de muitos pregadores que têm acesso a Deus e aos demônios em nossos dias! Eles têm a capacidade de “invocar” os demônios a que se manifestem, o que eles fazem continuamente em seus cultos de libertação! E são tantos hoje que também amaldiçoam as pessoas que abandonam suas fileiras. Estas, se desprotegidas, isto é, se ficarem sem proteção de alguma autoridade espiritual, acabarão por sofrer pelo resto de suas vidas!

Seguindo o conselho de Balaão, o rei Balaque armou a cena para que os homens de Israel passassem a ter relações sexuais com as filhas dos moabitas, e a mão de Deus pesou sobre o povo!

Eliseu e seu servo Geazi. A história é simples. Está em 2 Reis 5. Naamã, comandante do rei da Síria era leproso. Ciente de que havia cura para ele em Israel, depois de procurar o rei, encontrou-se com Eliseu, o profeta, que lhe deu ordens de mergulhar sete vezes no rio Jordão que seria curado. Quando percebeu que a lepra desaparecera, Naamã quis dar uma oferta generosa ao profeta Eliseu. Este a recusou. A casa dos profetas que Eliseu presidia carecia de ajuda, mas Eliseu recusou o presente. Diz o texto que “Geazi, servo de Eliseu, o homem de Deus, pensou: “Meu senhor foi bom demais para

Naamã, aquele arameu, não aceitando o que ele lhe ofereceu. Juro pelo nome do SENHOR que correi atrás dele para ver se ganho alguma coisa” (2 Rs 5.20).

A cobiça faz com que muitos verdadeiros homens de Deus se tornem falsos! O resto da história você conhece. A lepra de Naamã passou para Geazi! O profeta Isaías reconhece o que aconteceu com o povo de Israel. Ele afirma que o povo entendeu que o Espírito de Deus, antes tão favorável e benigno com a nação, tornou-se inimigo dela! “Apesar disso, eles se revoltaram e entristeceram o seu Espírito Santo. Por isso ele se tornou inimigo deles e lutou pessoalmente contra eles” (Is 63.10). Não, você não leu errado! O texto realmente afirma que o Espírito Santo se tornou inimigo do povo! Quer dizer, o mesmo Espírito Santo que nos guia, quando nós o desobedecemos, torna-se nosso inimigo! Por isso o povo, nos dias de Isaías orava, perguntando: “Senhor, por que nos fazes andar longe dos teus caminhos e endureces o nosso coração para não termos temor de ti? Volta, por amor dos teus servos, por amor das tribos que são a tua herança!” (Is 63.17). O povo sabia que o coração endurecido deles, se devia à sua própria rebelião!

O primeiro capítulo de Romanos aponta para a lei universal de Deus: o desobediente, o que tem conhecimento de Deus e o despreza é induzido ao erro, para sua própria condenação. Não apenas os

ímpios são induzidos ao erro quando pecam, mas também os crentes. Em Romanos 1 três vezes aparece a expressão, “o Senhor os entregou”. Primeiramente o versículo 24 diz: “Por isso Deus os entregou à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos do seu coração, para a degradação do seu corpo entre si”. Depois no versículo 26, volta a afirmar: “Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza” e ainda no 28: “Além do mais, visto que desprezaram o conhecimento de Deus, ele os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem o que não deviam”.

Assim, tanto ímpios quanto pregadores que não vivem ordenadamente são tratados diretamente por Deus! Paulo afirma que o anticristo iludirá os que não creram na verdade. “Por essa razão Deus lhes envia um poder sedutor, a fim de que creiam na mentira, e sejam condenados todos os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça” (2 Ts 2.11-12). Quer dizer: Deus envia a “operação do erro, para darem crédito à mentira”. Os rebeldes e desobedientes têm um tratamento diferenciado de Deus! Para evitar que erremos, Jesus apontou a solução: adorar em espírito e em verdade!

Capítulo 2

Em Espírito e em Verdade

George Foster publicou pela Editora Betânia o livreto *Em Espírito e em Verdade*,³ e me enriqueceu, com algumas frases de efeito sobre este tema. Ele afirma que *alguns adoram a Deus sem espírito e sem verdade*, o que geralmente acontece com a maioria das religiões existentes no mundo, em que sincretismo e fé se misturam tanto. Depois ele escreve que outros *adoram a Deus mais em espírito do que em verdade*, falando de pessoas que adoram a Deus baseados mais em emoções do que em informações. “O perigo disso, obviamente, reside no fato de que tenderemos a formar opiniões com base em sensações, e nem sempre com base na realidade”, afirma Foster.

Ainda outros *adoram a Deus muito mais em verdade do que em espírito*. É um tipo de adoração que prefere só os hinos tradicionais, em que não se erguem mãos diante de Deus, sem prostração espontânea, e onde a programação é ajustada sem deixar qualquer liberdade às pessoas. O retrato perfeito de uma igreja “tradicional”, dá a entender o autor. Mas, diz Foster, *Deus quer que o adoremos em espírito e em verdade*, em que nosso espírito, corpo e alma – emoções, vontade e intelecto envolvem-se em adoração!

Jesus respondeu à mulher samaritana, informando que “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade”. O que é adoração em Espírito e em verdade? Não é uma adoração *em forma de...* Os judeus estavam acostumados à forma, aos sacrifícios, aos elementos, e precisavam adaptar-se a uma forma de adoração invisível!

Em verdade, quer dizer que não é uma adoração que precise de coisas exteriores, - apontando aqui para o ambiente, as cores, etc., e *em espírito*, porque Deus é Espírito, não tem corpo, nem precisa de lugar. Pode ser adorado em qualquer lugar! (At 7.48-50; 17.24-25).

Para entender o que Jesus quis dizer temos de estudar por analogia. Jesus está falando de espírito e vida, de alma e corpo, de mística e razão, de fé e pragmatismo! Por exemplo, em Mateus 22.29 Jesus diz: “Vocês estão enganados porque não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus!”. A Escritura apela ao intelecto. O poder apela à fé! Alguns conhecem apenas a Escritura, e por isso a adoração limita-se ao intelecto, outros só conhecem o poder, e perdem o equilíbrio quando adoram, porque perdem a Escritura! São duas coisas espirituais: Uma apela à razão, outra à emoção. Mística e fé em contraste com a razão! A fé é uma coisa mística! Por exemplo, orar e falar com Deus são coisas místicas, porque não se vê a Deus!

Resumindo, Foster está afirmando que, quando

se adora a Deus sem espírito e sem verdade, temos apenas religião. Quando se adora a Deus mais em espírito do que em verdade, temos mais emoção que informação. Quando se pensa em buscar o conteúdo teológico, em satisfazer a razão e não os sentimentos adoramos a Deus mais em verdade do que em espírito. Portanto, a vida cristã é mística e pragmática! Razão e fé são duas coisas que acompanham nossa adoração e nossa comunhão com Deus todos os dias. A Bíblia satisfaz a razão e a fé.

A vida cristã é mística e racional. Em espírito e em verdade. Disto não se pode fugir! Os que acreditam que a vida cristã é apenas racional, não conseguem usufruir das bênçãos espirituais – até porque elas estão num nível mais alto que é o espiritual, e se tornam agnósticos! As grandes conquistas de nossa fé estão nas regiões celestiais em Cristo Jesus. Ele e os apóstolos apontaram para uma vida cristã que se firma nesses dois pontos: espírito e verdade. Tudo que faz parte da fé reside no campo da mística – falar com Deus, orar, crer em Deus, etc. não podem ser entendidos pela razão, portanto, fazem parte da fé. A razão não admite a fé; e este é um legado da árvore do conhecimento do bem e do mal cujo fruto nossos pais comeram no Éden. É o humanismo e o positivismo que levam a pessoa a jamais depender de Deus para qualquer coisa. O humanismo – fruto da razão sem fé – não admite o transcendental, o espiritual, místico, a fé, etc.

Exemplo disso são os saduceus, que eram ultra-ortodoxos, e agarravam-se demasiadamente à lei sem conseguir gozar dos benefícios da graça e da fé. Os saduceus alegavam ser descendentes de Zadoque, sumo sacerdote dos dias de Davi, e a própria palavra *sadiq* – retidão – mostra como eles viviam. Eles reconheciam somente a autoridade da Tora e não criam em qualquer outra palavra que não estivesse ali. “Os saduceus não podiam negar a existência de anjos os quais aparecem na Tora, mas eram frios quando tinham de estabelecer um ensino sobre anjos e demônios, cuja crença aumentou depois do exílio babilônico. Não conseguiam ver a ressurreição na Tora (enquanto outros a viam – Hb 11.19), rejeitavam, portanto, a crença de que a ressurreição fosse na forma de anjos ou de espíritos (At 23.8)”.⁴ Os saduceus bem que representam hoje os que querem adorar apenas em verdade – desprezando a adoração no espírito!

Por não crerem na possibilidade de ressurreição, Jesus citou a célebre frase: “Vocês estão enganados!, pois não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus!” (Mc 12.24). Ao falar em “escrituras”, temos em mente a razão, o intelecto, pois a escritura apela ao intelecto; mas quando falamos de “poder de Deus”, temos em mente a mística, a fé, o que é transcendental. Se bem que as escrituras do Antigo Testamento abrem diante de nós experiências místicas dos servos de Deus! Imagine uma mula falan-

do, um arvoredo balançando ao tropel da cavalaria celestial (1 Cr 14), ou tantos outros textos da Bíblia. Mística do início ao fim, a Bíblia satisfaz a razão do cristão.

Por conseguinte, a vida cristã é mística e racional; equilibra-se na palavra e no poder de Deus. Mas quando se torna racional? Quando nos leva a viver como pessoas normais, trabalhando, estudando, obedecendo as autoridades constituídas – como qualquer cidadão. Nossa posição em Cristo, nas regiões celestiais permite-nos viver na mística, na fé, no poder de Deus, pois o poder de Deus transcende nosso conhecimento e nos coloca em contacto com um mundo espiritual cuja dimensão é ilimitada! Mas a escritura, ou palavra, leva-nos a viver na terra, como seres comuns!

Essa dupla dimensão é ao mesmo tempo fantástica e incompreensível. O espírito a entende, e a razão tem de se submeter ao espírito. O mundo espiritual, no entanto, só pode ser entendido por pessoas espirituais. É disso que Paulo trata em 1 Coríntios 2.

Uma reunião de adoração, ou um culto da igreja, o que nelas acontecem reside no mundo espiritual, residem na esfera do Espírito, mas acompanhadas pela razão! Daí que espíritos enganadores podem se infiltrar trazendo engano sem que sejam notados. De que maneira os espíritos enganadores operam num culto, se este é realizado na esfera es-

piritual? Como isso acontece? Pela vida de pecado da liderança! Portanto, viver uma vida apenas de poder é perigosa se não estiver firmada na escritura. Pois a escritura exige da razão, caráter! A fé ou o campo da mística não pode divagar sobre si mesma, mas tem de estar firmada na palavra ou na escritura de Deus! Os saduceus criam na escritura, mas desprezavam o poder de Deus! Diferentemente de muitos que hoje vivem no espírito – no poder – e desprezam, sem querer a escritura!

Como falei anteriormente, Jesus falou de uma adoração em espírito e em verdade – novamente palavra e poder; mística e escritura; fé e razão, dando a entender que essas duas verdades precisam andar paralelas na vida cristã. Tudo que está no campo da fé, é da mística; tudo que esteja no campo da mente, é da razão. Por isso Paulo fala que temos de ter a mente de Cristo! E ele fala da “mente de Cristo” no mesmo contexto em que fala do homem natural e do espiritual. “Quem conheceu a mente do Senhor para que possa instruí-lo?” Nós, porém, temos a mente de Cristo” (1 Co 2.16). Os que têm a mente de Cristo, conseguem discernir melhor o mundo espiritual!

Falamos do poder de Deus que veio sobre a vida de Maria, gerando nela o Filho de Deus! (Lc 1.35). É algo incompreensível à razão humana, mas está na esfera de Deus! Falamos desse trânsito no mundo espiritual que nos concede poder sobre os de-

mônios, o mesmo poder que Jesus possuía (Lc 4.36). Desse poder que saía de Jesus quando curava os enfermos! (Lc 6.19). Referimo-nos ao poder – dínamos – que os discípulos receberam de Deus em Lucas 10.19 e Atos 1.8.

Se examinarmos todas as referências sobre “poder”, referindo-se ao poder de Deus, veremos que o pêndulo de Deus move-se sempre para a mística, porque a razão ou nossa carne, sempre quererá nos trazer de volta para seu campo de ação. Por isso Paulo trata exaustivamente sobre a luta entre carne e espírito! Isso parece contradizer o tema aqui proposto, e ao que parece, quando nos tornamos “espirituais” também temos a tendência de palmilhar apenas o campo do “espírito” ou da mística, abominando a razão. Nossa razão está firmada na mente de Cristo que sabe discernir todas as coisas!

“No íntimo do meu ser tenho prazer na Lei de Deus”, afirma Paulo, “mas vejo outra lei atuando nos membros do meu corpo, guerreando contra a lei da minha mente, tornando-me prisioneiro da lei do pecado que atua em meus membros” (Rm 7.22-23). Quer dizer, no interior, na vida do espírito, ele tem imenso prazer em Deus, mas em sua mente trava-se uma batalha: duas forças lutam por manter domínio de sua mente!

Paulo afirma que sua pregação e mensagem não “consistiram de palavras persuasivas de sabedoria, mas consistiram de demonstração do poder do Es-

pírito, para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus” (1 Co 2.4-5). Paulo traz equilíbrio à questão da razão levando-nos a confiar no poder de Deus! Por isso Paulo fala em “palavra da verdade e no poder de Deus” (2 Co 6.7).

Os que vivem uma adoração apenas no espírito tendem a ser enganados. Quando jejuamos e nos consagramos, diz Arthur Wallis, o jejum afina nosso espírito, deixando-nos sensíveis ao mundo espiritual, capacitados para tocar anjos e demônios. Disso os místicos o sabiam muito bem, pois percebiam em suas experiências que nem todas as manifestações de poder e luz vinham do Altíssimo; muitas eram das profundezas do inferno, com aparência divina! Místicos como João da Cruz, Teresa de Jesus, Madame Guyon e Evelyn Underhil – esta última protestante – buscaram compreender quando uma manifestação era puramente divina, da alma, ou satânica com aparência de espiritualidade.

Eles criaram termos como, *união da alma com o Criador*, algo que começa no entendimento, passa pela vontade; domina o nosso ser, e por fim, alcança o mais profundo de nossas almas. Também inventaram o termo *ócio santo*, para explicar o momento em que na adoração e na oração ficamos passivos, deixando Deus agir. Um místico disse: “Não pense o mortal, que a alma perde tempo; a obra dele é divinal” (B. Nicolas Factor). Também cria-

ram a expressão *recolhimento*. Um deles afirmou: “Ficamos tomados de intensa admiração que alarga a alma enchendo-a de alegria e prazer, ao descobrir em Deus tantas maravilhas de amor, bondade e formosura. Outras vezes o silêncio espiritual deixa a alma atônita, absorta, e prostrada diante de tanta grandeza”⁵

Embriaguez de amor. Este é um termo que os adoradores criaram para expressar o momento da adoração quando se sente o gosto da doçura de Deus. Nesse nível de adoração, dizem, “a alma ora se derrete, ou salta de alegria, comportando-se com loucuras de amor, em cânticos de louvor, convidando a todas as criaturas a que louvem tanta bondade”.⁶ E foram mais além inventando a expressão *embriaguez espiritual*, momento em que “a pessoa sente uma fragrância, um cheiro suave que conforta a alma e o corpo. Outras vezes sente um gosto, um sabor na língua, dando-lhe refrigério. Às vezes começa a dançar. Juan de Jesus Maria, no livro *Escola de Oração* chama isso de embriaguez espiritual”.⁷

Creio que Paulo era um grande místico – maior que todos os aqui citados – mas aprendeu a equilibrar-se sobre a palavra, a ponto de esconder por catorze anos a grande experiência de haver sido arrebatado ao céu! E quanto poder na experiência, pois ele nem mesmo sabia se chegou lá no corpo ou no espírito! E é Paulo quem nos conduz pelo caminho da mística quando trata dos dons espirituais. De-

pois de falar sobre as manifestações do Espírito em 1 Coríntios 12 – todas sobrenaturais – ele orienta quanto ao nosso procedimento no culto cristão. A célebre pergunta de Paulo: “Que fazer, pois, irmãos?” de 1 Coríntios 14.26 é a chave que precisamos neste assunto: “Portanto, que diremos, irmãos? Quando vocês se reúnem, cada um de vocês tem um salmo, ou uma palavra de instrução, uma revelação, uma palavra em uma língua ou uma interpretação. Tudo seja feito para a edificação da igreja”.

Dependendo da maneira como se analisa a Bíblia, ela pode parecer um livro extremamente místico para alguns, e puramente histórico para outros. No entanto, quando a fé e a razão ficam presentes em nossa adoração, a Escritura se torna um livro sobremodo excelente, pois enriquece a fé e satisfaz o intelecto. Assim, por estranho que pareça, nosso culto se equilibra sobre a fé e a palavra, a razão e o poder! Se alguém tem um salmo, obviamente que é algo inteligível, racional, que se pode entender sem mistérios, pois se trata de uma poesia, uma letra de cântico – algo assim. Depois ele fala em “doutrina”, traduzida na NVI por “palavra de instrução”, também algo que nos leva a pensar, a refletir, a meditar, deixando-nos longe do transcendental e do místico, colocando-nos no “chão”, com os pés em terra! No entanto, a seguir, Paulo fala em alguém contribuir para o culto ou reunião da igreja com uma revelação. Ora, uma revelação empurra-nos da terra

para o céu, pois manifesta algo transcendental, divino, que a razão, por vezes não aceita ou ignora.

Paulo explica o que é uma revelação no mesmo texto de 1 Coríntios 12.8-10. Ele fala de três dons de revelação: palavra de conhecimento, palavra de sabedoria e discernimento de espíritos. Ora, como os demais dons deste texto, estes são dons transcendentais – não tão pragmáticos como os de Romanos 12 – pois “revelam” o que se passa no coração humano! Então, num mesmo momento em que alguém vem com algo pragmático e racional como um salmo ou doutrina, outra pessoa “desvende” os segredos do coração humano com revelações do Espírito. Aqui novamente vemos escritura e poder; espírito e verdade! É uma revelação que normalmente – mas não necessariamente sempre – se manifesta por outros dons místicos – línguas e profecias!

“Mas se entrar algum descrente ou não instruído quando todos estiverem profetizando, ele por todos será convencido de que é pecador e por todos será julgado, e os segredos do seu coração serão expostos. Assim, ele se prostrará, rosto em terra, e adorará a Deus, exclamando: “Deus realmente está entre vocês!” (1 Co 14.24-25). Por isso, o versículo 26 começa com: “Portanto, que diremos, irmãos?” Imagine alguém numa reunião da igreja, ou num encontro particular, e o Espírito Santo revelando o que ela pensou, imaginou, planejou ou lhe dando

orientação sobre algo que esteja buscando! Esta é a parte mística de todos nós, em que o misterioso mundo espiritual se abre diante do homem! Mas Paulo vai mais além. Fala sobre línguas e interpretação. Se por um lado, língua é algo misterioso e transcendental, por outro o Espírito Santo não deixa nosso intelecto sem resposta: vem a interpretação. O místico e o pragmático; a escritura e o poder; a razão e a fé em nosso culto a Deus! Nem muito na razão, nem exacerbadamente na mística ou fé!

O pêndulo se inclina para o espírito

Nesse ponto é que entra nossa hinologia. Acostumados a cantar hinos dos hinários, e “corinhos” como forma de animação, de uns trinta anos para cá uma verdadeira revolução sacudiu a igreja mudando o comportamento do povo de Deus e a ordem de culto. Não quero, de maneira alguma, deixar a impressão de que sou portador de uma revelação, mas acompanho essa “sacudidela” na vida da igreja desde a década de setenta do século passado! Apesar de ser oriundo de uma igreja pentecostal, desde a década de sessenta me envolvi com a igreja em todas as denominações, pregando sobre louvor e adoração. Poucas foram as denominações históricas em que não ministrei. Circulei entre os anglicanos, luteranos, metodistas, batistas, pentecostais clássicos, e neopentecostais, e creio que

meus livros, de certa forma, ajudaram a mudar a estrutura dos cultos da igreja brasileira.

Quando o estilo de vida e a maneira de adorar não mais puderam se encaixar na denominação pentecostal de que era pastor, começamos uma das primeiras comunidades cristãs de nossa cidade. Este foi o laboratório de uma nova hinologia; palco do surgimento de novos líderes de louvor, com novas músicas e novos cânticos. Foi entre nós que, pela primeira vez aprendemos a ficar em adoração, na presença de Deus, cantando cânticos espirituais. Que experiência! Já havia lido sobre os grandes avivamentos e a experiência dos irmãos de entoarem novos cânticos, ou cânticos espirituais, mas a experiência, que ainda perdura foi inebriante!

Se antes estávamos acostumados a entoar louvores a Deus, segurando um hinário, estáticos, lendo cada palavra do hinário, agora, com o advento do projetor a renovação tecnológica cooperou com a espontaneidade. Com as mãos livres para se erguerem em adoração, e com a facilidade de escrever na lâmina cada novo cântico, a nova hinologia nos tirou da adoração apenas em verdade, e nos levou ao outro extremo, que é a adoração em espírito. Nos chamavam de carismáticos, quem sabe pelo tempo gasto com cânticos, comunhão com outros irmãos, oração e prática dos dons espirituais.

No decorrer dos anos, contudo, percebi que nossa adoração carecia de um equilíbrio, e se fazia

necessário que o pêndulo se movesse para o outro lado, o da verdade, e que, finalmente se detivesse no centro. Quer dizer, uma adoração em espírito e em verdade sempre concomitante, parelhas, lado a lado, ao mesmo tempo! Foi então que comecei a ensinar nos seminários e congressos, que era necessário trazer de volta para os cultos da igreja os hinos antigos, resgatando a hinologia esquecida por parte dos grupos renovados. Confesso que, assim como vivia no extremo da “verdade”, na nova comunidade passei a viver no extremo do “espírito”, ignorando a adoração em verdade! Mas nem sempre é possível trazer de volta para a pista um cavalo ou um carro desgovernado. E hoje o louvor e a adoração, em muitos lugares, parece haver perdido as rédeas e descambado para uma adoração mântrica. É disso que trato a seguir.

Capítulo 3

Cânticos ou Mantras? ⁸

A música tem o poder de elevar a pessoa a um nível espiritual, em que pode ser facilmente enganada, achando que está num território divino, quando está pisando num mundo espiritual falso. Os místicos da igreja descobriram que o mundo espiritual é todo mui semelhante, e as manifestações, sejam elas divinas ou satânicas nos deixam com tremor e temor. Não se pode definir se o que se experimentou foi de Deus ou do Diabo apenas pelas luzes, cores, vozes e anjos. E eles criaram uma pequena regra para perceber se a experiência espiritual é de Deus ou do Diabo. Quando é divina, depois da manifestação, a pessoa se torna mais humilde, amorosa, submissa e quebrantada, e esconde dos demais a experiência que teve, porque o que aconteceu foi entre ela e Deus. Mas quando é satânica e vem mascarada de sã espiritualidade, a pessoa, depois da manifestação, se torna mais orgulhosa de sua espiritualidade, rebelde e insubmissa. Por isso os mais “espirituais” tendem a ser os mais rebeldes!

Um místico disse que a virtude divina que opera nas verdadeiras revelações induzirá, moverá, inflamará num amor casto e numa reverência ao altíssimo (e nos levará) ao reconhecimento de

nossa baixeza, levando-nos a aborrecer a vaidade terrena, a desejar o desprezo das pessoas, a padecer com alegria, a amar a cruz levando-a com esforçado e dilatado coração, e a desejar o último lugar. Levar-nos-á a amar aos que nos perseguem, e a temer e odiar o pecado por menor que pareça (...) Esse será o sinal infalível da verdade com que nos visita o Altíssimo por meio de suas revelações, ensinando-nos a ser mais santos e perfeitos.⁹

David Tame em seu livro *O Poder Oculto da Música*¹⁰ – quase que leitura obrigatória aos dirigentes de louvor que sabem ler um livro como se come um peixe repleto de pequenos e indigestos espinhos – usando de exemplos bíblicos e históricos tanto do povo judeu como dos povos do oriente, afirma que os povos antigos descobriram que a música pode levar o indivíduo para “cima” ou para “baixo”. A música boa, para cima; a ruim, para baixo! Aliás, tema em que rabisco umas notas no meu livro *Ministério de Louvor: Revolução na Vida da Igreja*, publicado pela Editora Betânia.

O autor fala do *tom celestial* que os povos antigos, especialmente da China, tentavam encontrar na música. Eles acreditavam que havia um tom que tocava os céus, e cuidavam para que todos os instrumentos musicais estivessem afinados com esse tom! Claro, que os céus de que ele fala não são o que você e eu imaginamos, portanto, David Tame

fala de algo que ocorre no mundo espiritual. Apesar de não concordar com muito do que ele escreve, não posso negar os resultados das pesquisas científicas que ele apresenta em seu livro. Que a música trabalha com as emoções, que influencia a natureza, que aperfeiçoa ou distorce o caráter do homem, e que influencia no comportamento da sociedade, foi comprovado cientificamente!

Agora, o que muitos não entendem é que a música também é um espírito! Ela não é apenas feita de notas e de acordes; existem espíritos que se utilizam da música, da mesma forma que se utilizam dos pregadores do evangelho! Filósofos e pensadores debruçaram-se sobre esse tema milênios atrás, e fizeram descobertas importantes. A música para os antigos chineses era tão importante que os doze meses do ano eram coordenados cada mês por uma nota musical, pois acreditavam que “a música harmoniosa passou a ser a realização na Terra da vontade do Alto. Por sua adequação aos princípios do céu, a música da Terra poderia obrigar, pela lei da ressonância harmônica, as energias do céu a se incorporarem nos chefes do Estado”.¹¹

Talvez por nunca haverem estudado o poder e a influência que a música exerce sobre a Terra, muitos de nossos dirigentes de louvor e dirigentes de culto não sabem fazer uma seleção de hinos que conduzam para “cima”, e não tão para “baixo” como tantas outras! Alguns cânticos trazidos hoje para os

nossos cultos são muito depressivos e não espelham a verdadeira alegria da graça de Deus. A música vem distorcendo muito da verdadeira adoração.

Da mesma forma que quando oramos penetramos para dentro do véu, e nos deparamos diante do inexplicável, ao nos prostrarmos diante de Deus, penetramos o invisível, entramos no mundo espiritual expondo-nos ao mundo dos espíritos. E quando seu tempo de adoração for azeitado pela música – porque a verdadeira adoração não precisa de música, já que adoração é um estilo de vida, e não estilo de música – a música sob a qual fica exposto pode também levá-lo para cima, ou para baixo; a entrar em contato com anjos, ou com demônios, às vezes de maneira imperceptível! Quando o adorador penetra no mundo espiritual transita entre o falso e o verdadeiro, entre o divino e o satânico, porque penetra no campo da mística ou das revelações.

A música é algo tão espiritual que todos os avivamentos deixaram sua contribuição para a hinódia da igreja, tema que abordo mais adiante.

Conforme falei anteriormente, três dos dons espirituais são de revelação: palavra de conhecimento, sabedoria e discernimento de espíritos, porque o que se vê e se recebe nessa área transcendem a razão; estão além do conhecimento humano, daí a necessidade do discernimento de espíritos que permite julgar a fonte do conhecimento e da sabedoria! E na adoração, a música penetra nesse campo

transcendental. E em questões transcendentais, no nível superior da fé não existem regras técnicas, mas regras também espirituais!

Paulo aborda essa questão quanto ao orar em línguas, porque é algo tão sobrenatural que o espírito ora, mas a mente fica infrutífera! Daí que a experiência cristã é mística e pragmática. Quando se ora em línguas é mística; quando se interpreta, o Espírito Santo traz a revelação ao nível do entendimento humano, porque a vida cristã não é de mistério, mas de revelação! Ele diz: “Cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente”. E na adoração com música canta-se com a mente, mas também com o espírito! E pelo contexto da carta apostólica, trata-se de um cântico espiritual, quase sempre em línguas, porque é disso que está tratando quando fala em orar com a mente e também com o espírito!

Por isso, quando cantamos no espírito entramos no mesmo terreno do falar em línguas – nada se entende a menos que haja interpretação! O cântico espiritual é dinâmico, melódico, tem altos e baixos e um cântico difere do outro! Em melodia e em letra. E varia de uma pessoa para outra. A questão é que o mantra e o cântico espiritual operam no mesmo terreno espiritual em que a divisa, ou a fronteira entre os dois é também espiritual, tênue e imperceptível! Se o adorador não tiver discernimento poderá entrar ou ser levado pelo dirigente de adoração a cantar mantras em vez de cânticos espirituais.

E se no passado, como confessei, caímos no extremo de só adorar em “espírito”, nesses dias, alguns dirigentes de louvor estão levando o pêndulo mais para o extremo elevado a alguma potência! Acredito que precisamos equilibrar nossa adoração; que ela seja “em espírito e em verdade”. Nesse sentido, muitos dos antigos hinos da igreja podem trazer grande equilíbrio!

E muita de nossa adoração foi invadida pelos mantras coletivos de nossos cultos, em que refrões, ou repetições, a mesma “batida” do ritmo, a repetição de sons e frases confundem-se com cânticos espirituais e não são! O mantra budista tem sons e palavras desconhecidas e misteriosas, tal qual no cântico espiritual – em línguas. O cântico espiritual em línguas segue o mesmo padrão, porque é falado em “mistério”, numa língua estranha! A diferença está que no “mantra” a pessoa é induzida, mas no cântico espiritual é uma operação do Espírito Santo. A semelhança ocorre quando o líder de adoração induz as pessoas, às vezes de forma imperceptível, com a mesma frase, ritmo, batida de tambores, etc. Depois, aquele som e ritmo ficam martelando na mente todo dia! O verdadeiro cântico espiritual é conduzido pelo espírito, e não induzido por alguém, por música ou por batidas de instrumentos! Ele é melódico, tem altos e baixos. Eis aqui uma pequena regra espiritual: o cântico espiritual é melódico e tem altos e baixos, picos para cima e para

baixo! Se colocado num gráfico pode-se averiguar a diferença entre os dois. O mantra opera numa mesma faixa sonora... Por isso Jesus nos orienta a adorar em espírito, mas também em verdade! A verdade nos afasta do perigo!

Assisti a uma palestra de um orientador de mantras, e a todos os que escutavam suas músicas, alertou que não deviam ser ouvidas enquanto dirigiam seus automóveis, mas sentadas em suas casas, pois são músicas para “relaxamento”, na realidade, músicas que induzem a algum propósito!

Alguns dos dirigentes de adoração trazem mantras enrustidos em seus cânticos, que, ao fim deixam o adorador “prostrado”, “arrasado”, não no sentido de prostração voluntária, de quebrantamento, mas depressivo, “para baixo”, em que o lamento e dor não dão espaço a alegria e gozo. Ao fim de uma hora ouvindo-se certas melodias sentimo-nos verdadeiros trapos humanos! Seria bom que alguns dirigentes de louvor estudassem mais a fundo o poder oculto da música! A verdadeira adoração tem esse “fundo” de tristeza e quebrantamento, mas também o “pico” de gozo e alegria!

Aliás, essa é a tônica da profecia bíblica. Nelas, o mesmo Deus que adverte e promete o castigo, acena com palavras de restauração, trazendo libertação e alegria! Deus jamais deixa seus servos eternamente prostrados; sempre um tempo de arrependimento e prostração é seguido de um tempo de alegria e

gozo!

Cada avivamento traz uma nova hinologia

Ao refletir sobre o tipo de música que entoamos em nossos dias, cheguei a imaginar que deve fazer parte de uma nova fase na vida da igreja, ou posso estar enganado! Quero que você reflita se esse tipo de adoração quase “mântrica” faz parte de algum novo período da história ou não. Porque todos os grandes avivamentos da história trouxeram alguma contribuição com novos hinos e letras para a igreja. Deixo, aqui, a pista para quem quiser desenvolver uma tese de mestrado ou doutorado nessa área: Relacionar os cânticos aos avivamentos de cada época! Cada avivamento deixou sua marca através dos hinos que cantamos!

Experimente fazer com seu grupo musical – mas é preciso gente com muita experiência de igreja – um momento de louvor com hinos antigos. Assim como fazem periodicamente nos Estados Unidos Bill e Glória Gaither que reúnem seus amigos para entoar cânticos antigos e novos!

Cada nova experiência com Deus resultou num novo cântico, ou numa maneira diferente de se louvar a Deus. Basta dar uma vista d’olhos nas escrituras para perceber essa dinâmica divina na história. Comece pela experiência da passagem pelo Mar Vermelho e verá que o cântico de Êxodo 15 trouxe

vitalidade espiritual ao sofrido povo que acabara de sair do Egito. Miriam tomou um pandeiro, com danças e júbilo conduziu o povo no louvor, num cântico escrito por Moisés naquele dia! Mais tarde no deserto, Israel cantou um cântico de vitória, celebrando a água que jorrava da rocha, uma alusão profética à Rocha, Cristo (Nm 21.17-18). Alguém ensinou o povo!

No final dos quarenta anos no deserto, Moisés ensinou um cântico escrito por Deus ao povo de Israel (Dt 31.19,30). Era o momento de celebrar a Rocha, mencionada várias vezes no cântico e o momento de entrar na Terra Prometida. Mais tarde – no tempo dos juízes - Débora compôs, ensinou e cantou um novo cântico (Jz 5.1-31). Era a celebração da vitória sobre os inimigos. Mais tarde Ana entoou um novo louvor a Deus (1 Sm 2.1-10), celebrando a resposta à sua oração. Samuel inaugurou a era profética formando, grupos de louvor que costumavam celebrar diante de Deus com cânticos proféticos! Foi num desses grupos que Saul se sentiu transformado, e entre eles passou um dia e uma noite profetizando a Deus (1 Sm 10.5,10 e 19.18-20).

Uma outra era foi inaugurada na nação de Israel com a vitória de Davi sobre os filisteus, e as mulheres de Israel fizeram um cântico – o cântico das lavadeiras – (1Sm 18.6-8) que cantavam enquanto batiam a roupa nos tanques. E já no reinado de Davi

ele formou uma equipe de levitas músicos, inaugurando uma era que se perpetuou por mais de quinhentos anos. Nesta ocasião Davi encarregou a Asafe e a seus irmãos para dirigirem os louvores no templo (1 Cr 16.7) e ele mesmo compôs um resumo de seus cânticos (2 Sm 22.1-51). Além de Hemã, Asafe e Jedutum, outros cantores, como Quenânias, perito na arte de dirigir os louvores quando a arca foi trazida para Jerusalém (1 Cr 15.22), trouxeram arte e júbilo ao povo de Israel.

E que dizer de Matânias dirigindo os louvores na celebração da reconstrução dos muros de Jerusalém? (Ne 11.17). E de Josafá celebrando diante de Deus em 2 Crônicas 20?

A igreja, ao longo da história experimentou tempos de renovação cuja ênfase pode ser vista na contribuição hinológica que deixaram. Cada experiência resultou em novos cânticos que marcaram época. Eu não sou um especialista, nem fiz uma acurada pesquisa identificando os hinos com sua época, mas basta conferir a história e se verá que os grandes avivamentos contribuíram também com uma nova hinologia.

Até mesmo quando questões teológicas estavam em jogo, os cânticos surgiram para marcar época. Na guerra teológica provocada por Ário que não aceitava a Trindade e defendia suas idéias através de cânticos.^{1 2} (Ário era Bispo de Alexandria no século IV e era contrário a Trindade. Foi condenado pelo

Concílio de Nicéia em 325 d.C.).

Quando do surgimento do gnosticismo – segundo século – Uma tentativa de conciliar filosofia com religião (gnose – conhecimento), o movimento criou sua própria hinologia. O erudito sírio Bardesanes (155-223), autor de hinos gnósticos que foram usados pela igreja Síria, foi contestado dois séculos depois por Efraim (307-373) que escreveu: “Nos domínios de Bardesanes, há cânticos e melodias. Vendo que os jovens gostam de música suave e boa, pela harmonia de seus cânticos corrompeu a mente deles”. Bardesanes e seu filho Harmonius compilaram o saltério gnóstico com mais de 150 hinos! ¹³

Noutra ocasião Chrisóstomo, ao se tornar patriarca de Constantinopla, não permitiu que os arianos adorassem dentro dos muros da cidade. Só podiam entrar na cidade aos sábados a noite e domingos. Os arianos, para provocar, faziam vigílias a noite toda do lado de fora dos muros cantando! ¹⁴

Mas deixemos os casos negativos e citemos os positivos. Uma nova era da igreja foi inaugurada pelo cântico Castelo Forte, na reforma de Lutero. Falando sobre Castelo Forte de Lutero, James Moffat disse: “Um cântico de guerra foi este hino, com o qual ele e seus colegas entraram em Worms. A velha catedral tremeu ao som destas novas notas e os pássaros foram espantados dos seus esconderijos nas torres. Este hino, conhecido como “A Marselhesa da Reforma”, conserva até hoje o seu poder e pode-

ríamos usá-lo em outro conflito semelhante”.

¹⁵Lutero em 1529 tinha 46 anos e o escreveu baseado no Salmo 46.

Depois os Irmãos, que também foram chamados de anabatistas e mais tarde de menonitas, e tempos depois de moravianos, contribuíram com uma nova hinologia. Os Irmãos influenciaram tanto sua época que seus descendentes, os moravianos influenciaram João Wesley e George Whitfield. E nesse tempo o irmão de João, Carlos Wesley escreveu cerca de 6.500 hinos! Só um avivamento de grandes proporções poderia gerar tantos hinos! Aliás, a hinódia de nossos dias, quando a igreja brasileira canta os mesmos cânticos, não apenas os aqui compostos, mas também os que vêm de outros países, assemelha-se a um período da história em que as principais denominações do Canadá e dos Estados Unidos se uniram em torno de um hinário comum a todas elas, apesar dos cânticos procederem de diferentes autores, como Carlos Wesley e James Moffat.

A história recente é muito linda. Os grandes avivamentos nos Estados Unidos no século vinte deixaram-nos um legado de novas músicas. Os cânticos do movimento Chuva Serôdia trouxeram um renovo à igreja americana. Alguns fazem parte da hinódia de nossos dias. Aqui no Brasil os pentecostais contribuíram com uma nova hinologia. Quando o povo estava acostumado aos hinos já tradicionais, surgi-

ram os irmãos do Evangelho Quadrangular com seus “corinhos”, fáceis de serem memorizados pela gente simples da periferia! E foi assim que os irmãos Quadrangular e os do Brasil para Cristo também marcaram nossa história com novos cânticos. Na década de 60-70 os batistas e metodistas renovados, e depois as “comunidades cristãs” deixaram-nos um rico legado de hinos e cânticos! Porto alegre tornou-se um centro de hinologia em que o Asaph Borba se tornou referência nacional. Mas Goiânia, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e cidades do Nordeste deixaram sua marca na história com os novos cânticos!

Por isso creio que uma nova melodia ainda está por surgir na igreja brasileira. Pois novos tempos virão! Mas é um tempo em que precisamos redefinir a linha hinológica para que as gerações futuras tenham um legado do Espírito Santo e parâmetros claros que os orientem! E é hora de voltarmos à uma hinódia pura, livre dos mantras orientais, mas repleta de cânticos espirituais!

E é hora de ficarmos atentos a nova tendência da igreja nesses dias! Mas livre dos mantras!

Notas Bibliográficas

¹ BASHAN, Don, True & False Prophets, Manna Books, p. 21

² Publicado pela Worship Produções, Americana, S.P.

³ FOSTER, George R. *Em Espírito e em Verdade*, Editora

Betânia, B.H. pp 7-10

⁴ BELL JR, Albert A. *Explorando o Mundo do Novo Testamento*, Editora Atos Ltda. B.H., p. 45

⁵ ARINTERO, I.J. Biblioteca de Autores Cristianos, tomo 91 p. 570

⁶ Ibidem p. 571

⁷ Ibidem p. 571

⁸ A palavra mantra vem do sânscrito que quer dizer liberar ou esvaziar a mente. A palavra mantra vem do sânscrito que quer dizer liberar ou esvaziar a mente.

⁹ ARINTERO, I.J., Biblioteca de Autores Cristianos, p. 670

¹⁰ Editora Cultrix, São Paulo, 1984

¹¹ TAME, David, *O Poder Oculto da Música*, Editora Cultrix, p. 43

¹² McCUTCHAN, Robert Guy, *Hymns in the Lives of Men* Abingdom-Cokesbury Press,, p. 90).

¹³ Ibidem, p. 91

¹⁴ Ibidem p. 92

¹⁵ ITCHER, Bill, *Se os Hinos Falassem*, JUERP, Vol. I p. 44